

## O Significado das Nove Iniciações Planetárias

### (Parte 3)

Antes de dar continuidade ao tema das iniciações, vale a pena nos aprofundarmos um pouco mais no que significa o termo **“Portal da Iniciação”**.

Mestre D.K. afirma que o denominado “Portal” está relacionado com o que H.P.B. chama de “o mistério da eletricidade”, pois esta barreira é um fenômeno essencialmente elétrico e, na verdade, constitui-se em uma obstrução à livre passagem. Somente quando ocorre uma sincronia vibratória perfeita entre a energia elétrica do “Portal” e a do aspirante/discípulo, o impedimento à transposição desaparece.

O ser humano é, nas palavras do Mestre, uma “unidade elétrica de poder e luz, com um mecanismo tríplice”, que são seus três veículos inferiores. Assim, a iniciação pode ser entendida, também, como um fenômeno de aumento da luz subjetiva e da irradiação, que ocorre em cada um dos corpos da personalidade. Somente quando o fogo da matéria (fogo por fricção) for dominado pelo fogo da alma (fogo solar) o ser humano pode receber as quatro primeiras iniciações e quando ambos os fogos forem completamente submetidos ao fogo do Espírito (fogo elétrico) o indivíduo toma a quinta iniciação. Contudo, é bom recordar que a iniciação é um processo e este se inicia na terceira iniciação planetária, considerada como a primeira do ponto de vista de Shamballa, porque somente neste ponto da senda, o fogo por fricção ascende pelo canal central da coluna vertebral etérica (Sushumna), iluminando e polarizando com a alma todos os cinco centros que ali se encontram, alcançando o “olho único” (centro ajna ou frontal). A terceira iniciação é recebida nos três níveis superiores do plano mental, no que se convencionou chamar de mental abstrato, (arupa ou sem forma) onde só existe luz. Ali, o fogo por fricção se desvanece e é substituído pelo fogo solar.

Na árvore da vida da Kaballah, Sushumna é representado pelo canal central e a tríade superior da árvore (Kether, Binah e Chokmah) os três centros da cabeça, porque a árvore da vida tanto pode representar o ser humano como a divindade, pois “o que está em cima é como o que está embaixo”, segundo o princípio hermético.

A título de esclarecimento, o canal central da árvore da vida é composto pelas sephiroth “Malkuth” “Yesod”, “Tiphareth” “Daat” e “Kether”.

O Mestre nos informa que o “Portal Obstrutor” ou Portal Iniciático é criado basicamente pelo fogo solar que obstrui a subida do fogo por fricção em pontos específicos do canal central da coluna etérica. Os fogos por fricção são de quatro tipos e são eles:

1 – No corpo físico, a energia elétrica é composta por duas forças elétricas: a força latente e inata dos átomos que formam o veículo físico denso e o prana do corpo etérico. Estas energias se misturam e constituem o portal que o chela deve atravessar na primeira iniciação.

2 – No corpo astral, a energia elétrica é gerada pela soma total dos “espelhismos” acumulados, que aprisionam o ser humano ao longo das suas inúmeras encarnações. Estas miragens são fluidas e se traduzem por reações emocionais e desejos atávicos que o discípulo enfrenta quando se prepara para a segunda iniciação.

3 – A energia elétrica gerada pelos pensamentos, que são de natureza ígnea e as ilusões criadas por eles velam a pura luz da alma. Este portal é constituído, na verdade, não só pelo fogo por fricção como também pelo fogo solar da alma, que é o mais proeminente na terceira iniciação e, também, pelo fogo elétrico que provém da Mônada, passando pela Tríade Espiritual, fazendo impacto pela primeira vez sobre os outros dois fogos. Estes três fogos centrados no olho espiritual abrem o terceiro portal para o ser humano que integrou os três corpos de sua personalidade e os subjugou aos desígnios da alma.

4 – O quarto tipo de fogo por fricção. O iniciado se depara com esta energia, quando está preparado para renunciar completamente à vida no mundo material. A energia elétrica gerada por toda a personalidade integrada rompe o último portal. Esta quarta emanção do fogo por fricção é tão potente e com um efeito tão destrutivo, especialmente sobre o corpo físico denso que, via de regra, resulta na morte física.

Assim, expandindo sua luz interior o ser humano atinge, na quarta iniciação, a completa glória ou esplendor que caracteriza o ser que venceu a roda das encarnações compulsórias, libertou-se da matéria mais densa, e tornou-se um membro efetivo da Hierarquia Planetária.

### **A Quarta Iniciação – A Renúncia**

Continuando com o tema das Iniciações Planetárias e Solares, trataremos agora da quarta iniciação planetária, que corresponde à segunda solar e diz respeito à liberação do ser humano da roda das encarnações obrigatórias, porque a matéria dos três corpos mais densos do plano físico etérico cósmico (denso, líquido e gasoso) é redimida e liberada pura para seus depósitos originais.

Não há como discorrer sobre a quarta Iniciação Planetária sem correlacioná-la com o raio que a rege – O quarto raio – A Harmonia através do Conflito.

Esta Iniciação também conhecida como a da **Renúncia**, porque o ser humano abre mão de sua condição humana, com todas as implicações que isto encerra, isto é, apetites, desejos, paixões, emoções, pensamentos errantes, que o levam à conseqüente necessidade de reencarnação que estas flutuações da energia

impellem. Na vida de Jesus, a quarta iniciação é explicitada pelo ato da crucificação, ponto culminante de sua vida humana. A crucificação representa o holocausto de sua tríade inferior no altar de seu Espírito Imortal. A influência do quarto raio pode ser sentida no Getsêmani, onde Jesus fez sua escolha. Ali, em cima da pedra do sacrifício, o doce Rabi pronunciou as seguintes palavras que revelam sua angústia, na hora da decisão:

*“Então chegou Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani e disse a seus discípulos. Sentai-vos aqui enquanto eu vou ali orar. E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu (João e Thiago) Ele começou a entristecer-se e angustiar-se. Então lhes disse: A minha alma está demasiadamente triste até a morte; ficai aqui e vigiai comigo. E ele indo um pouco mais adiante prostrou-se sobre sua face, (na pedra) orando e dizendo. **Ó meu Pai, se é possível afasta de mim este cálice, todavia não seja como eu quero, mas como tu queres**”* (Mateus 26: 36 a 39) (o parênteses é nosso)

Ao ver os três discípulos que consigo levava até a pedra dormindo disse a Pedro: *“Não pudeste vigiar comigo nem uma hora? **Vigiai e orai para que não entreis em tentação: na verdade o espírito está pronto, mas a carne é fraca**, Ele se afastou novamente pela segunda vez e orou, dizendo: **Oh meu Pai se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade**. E voltando, achou-os outra vez adormecidos, porque os seus olhos estavam pesados. E, Ele, deixando-os de novo, foi orar pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras. Então veio ele aos seus discípulos e disse-lhes. **Dormi agora e descansai, eis que a hora é chegada...**”* (Mateus 26: 40-45)

Este trecho do Evangelho de Mateus contém muito significado oculto: Jesus subiu ao Jardim das Oliveiras com todos os doze Apóstolos, mas levou apenas três até a pedra no Getsêmani (que ainda hoje lá está). Estes três discípulos, Pedro, Thiago e João simbolizavam os três corpos da personalidade (físico/etérico, o astral e o mental). Eles encontravam-se adormecidos pelo maya, pelo glamour e pela ilusão do “não eu”. O evangelista Mateus, com estas palavras, deixava transparecer o grande conflito do Rabi em sua hora suprema, com a frase: **“O espírito está pronto, mas a carne é fraca”**. Entretanto, em meio à sua agonia, Jesus rendeu-se inteiramente à vontade do Pai: o Espírito Imortal, a Centelha Divina, a Mônada, que durante éons peregrinou por todos os planos da existência material, adquirindo experiência e tornando seus poderes, que eram apenas potencialidades, em realidade plena!

O conflito existiu entre os apelos ilusórios da “carne” e a realidade do Espírito. A Força Divina que existia no Rabi da Galileia saiu triunfante e redimiu a matéria de seus corpos inferiores, no momento de sua decisão inabalável. E, em perfeita harmonia, subiu ao calvário e cumpriu o seu darma.

**O quarto raio rege a Humanidade e seu permanente conflito entre os pares de opostos de sua natureza e a faculdade da escolha discriminadora que**

**isto implica.** Este raio tornou-se muito evidente a partir da raça-raiz atlante, quando os seres humanos começaram a despertar em si um sentido de responsabilidade e, portanto, a possibilidade de escolha entre dois caminhos divergentes. Como se sabe, aquela humanidade optou por um caminho materialista e egoísta matizado por desejos e apetites desenfreados, culminando com o Dilúvio que arrasou o continente que abrigava aquele povo. Hoje o mesmo dilema é colocado para o ser humano da quinta raça, só que em outro plano: o mental. As águas, símbolo dos desejos egoístas, deverão ser substituídas pelo fogo, que irá destruir a humanidade envolvida pela mente separatista que se encontra iludida pelo poder, pelo orgulho e pelo sectarismo, se os seres humanos não corrigirem o rumo de seus caminhos.

Ainda discorrendo sobre o quarto raio, vale lembrar que este raio é o termo médio entre os três raios de aspecto (1º, 2º e 3º) e os raios de atributo (5º, 6º e 7º). Presume-se que no quarto raio, em condições ideais, as qualidades dos raios de aspecto, isto é, poder e vontade, amor/sabedoria e inteligência ativa estejam em proporções iguais. Talvez por isto, este raio também seja chamado do raio da Harmonia e da Beleza, porque a Divindade, em seu próprio plano, expressa totalmente estas qualidades “sátvicas”. Contudo, nos planos materiais, o quarto raio revela o **Princípio do Conflito**, pois **este embate se inicia no par de opostos denominado espírito-matéria** e à medida que mergulhamos nos planos mais densos, a luta entre os opostos vai se tornando cada vez mais evidente.

Mestre Tibetano afirma que o Princípio do Conflito está estreitamente relacionado com a Senda do Discipulado e com a morte e com esta palavra ele quer dizer com a retirada da consciência das formas física, astral e mental inferior, melhor dizendo ainda, com o “desvencilhar-se” dos planos materiais, ao cessar o contato (permanente ou temporário) com o “maya” da forma física, com o espelhismo astral e com a ilusão da mente inferior. São estes véus que mergulham o ser humano no materialismo, seja de que tipo for e é na senda do discipulado que o ser humano se empenha em rasgar estes véus que o impedem de ver a luz. Portanto, à medida que o Espírito, por meio de sua alma, vai experimentando os planos mais densos da matéria, ele vai se deixando envolver por estas brumas que distorcem a realidade. O conflito é o principal fator que fomenta a evolução da forma que se constitui no campo de experiência para a alma, não só no reino humano, mas também nos reinos subumanos. O princípio do conflito subjaz em cada átomo da substância. Assim, quando a alma assume, paulatinamente, o controle de sua tríade inferior, promove a guerra contra o irreal, incentivando a recusa em se identificar com a forma e, posteriormente, empenha-se na renúncia, na emancipação e na liberação total do controle dos apelos do mundo material. O conflito é regido pela Lei Intermediária do Carma.

Vale ressaltar que isto não implica necessariamente na morte física, como no caso da imolação de Jesus e de outros avatares que se sacrificaram por uma

causa mundial. A morte a que alude o Mestre é a eliminação total de todo apego aos corpos materiais e aos apelos da matéria, que nos atam à roda das encarnações obrigatórias.

Assim como para os aspirantes e discípulos, o **conflito** é o agente impulsionador para as crises e oportunidades de crescimento e expansão da consciência que tais momentos críticos oferecem, para os membros do quinto reino, o dos Adeptos, a **percepção consciente** leva os membros da Hierarquia à **Crise da Decisão**. Não se trata da percepção discriminadora entre o certo e o errado, entre o espiritual e o material, porque isto eles já ultrapassaram. Vai muito além! A crise de decisão envolve:

- A percepção do Plano Divino
- A Participação no Propósito da Divindade.
- A Prevenção do Mal.

O **Princípio da Decisão** está baseado na energia do amor e da sabedoria e, portanto, se assenta na boa vontade para com todas as criaturas nos três mundos mais densos da evolução e na vontade para o bem que o Adepto manifesta e exterioriza por meio dos três aspectos criadores da Divindade.

Para o Adepto, este Princípio da Decisão é posto à prova na sexta iniciação, quando ele elegerá um dos sete caminhos possíveis para continuar sua evolução neste “círculo-não-se-passa” ou em outros, de nível cósmico.

A grande Iniciação da Renúncia, como a de Jesus no episódio da Crucificação, é sempre precedida em inúmeras vidas, por pequenas renúncias que resultam da correta escolha, que foi premida por um conflito interno gerado pelos pares de opostos em nossos corpos inferiores. A correta escolha, fruto da faculdade discriminadora do chela, sempre induz o ser humano a um estado de harmonia e de paz interior.

O Mestre afirma que as constelações de Áries e Virgem, por meio de seus regentes esotéricos Mercúrio e Lua, respectivamente, estão estreitamente relacionados com o quarto raio e, portanto, com a quarta iniciação. Áries leva o Iniciado a atravessar a “Terra Ardente” e Virgem, como signo de terra, lhe oferece firmeza e constância para cumprir as provas da liberação da roda das encarnações obrigatórias. Ambas as constelações e planetas produzem luta, unidade e harmonia.

Segundo Mestre Tibetano, Saturno, como Senhor do Carma e do tempo, também faz sentir sua influência na quarta iniciação, ao lado de Mercúrio, provocando grande conflito e trazendo uma revelação singular.

Pode-se observar, portanto, a forte presença do quarto raio nesta tão importante iniciação, pois a mesma energia que aprisiona o ser humano na luta pela evolução é a mesma que lhe oferece a oportunidade para a liberação e a entrada em um reino de paz, harmonia e beleza.

[Continua...](#)

*Arminda J. Azevedo/sob o signo de Virgem 2022*

Fontes de Consulta

Os Raios e as Iniciações – Alice Ann Bailey

Astrologia Esotérica – Alice Ann Bailey

Bíblia Sagrada – Versão King James